

MALKA LORBER ROLNIK¹

(Chełm, Polônia, 1922; S. Paulo, 1987)



Malka Milchtajch. Chełm, Polônia, c. 1937.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Esta é a história de vida da sobrevivente Malka Lorber Rolnik, Milchtajch de solteira, contada pela filha, Blima Rajzla Lorber. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

A família Milchtajch

Não muito longe da feira central da cidade de Chełm, na Polônia, vivia a família Milchtajch, composta de oito filhos: quatro homens – Josef, Jacob, Chaim e David Leibl; e quatro mulheres – Mindla, Henia, Bela e a caçula, a pequena Malka. Um irmão, que seria o mais velho, Simon, morreu com um mês de vida. Era uma família judaica da linha mais ortodoxa.



Chełm, na Polônia, onde vivia a família Milchtajch.
Google Maps.

O pai, Beirish, com sua longa barba negra mesclada com fios grisalhos e a cabeça sempre coberta, mais parecia um rabino do que um fabricante de chapéus e peleteiro. A mãe, Bluma, Gros de solteira, era uma mulher muito bonita, vestia-se com o recato exigido pela religião e cuidava da casa e dos oito filhos.

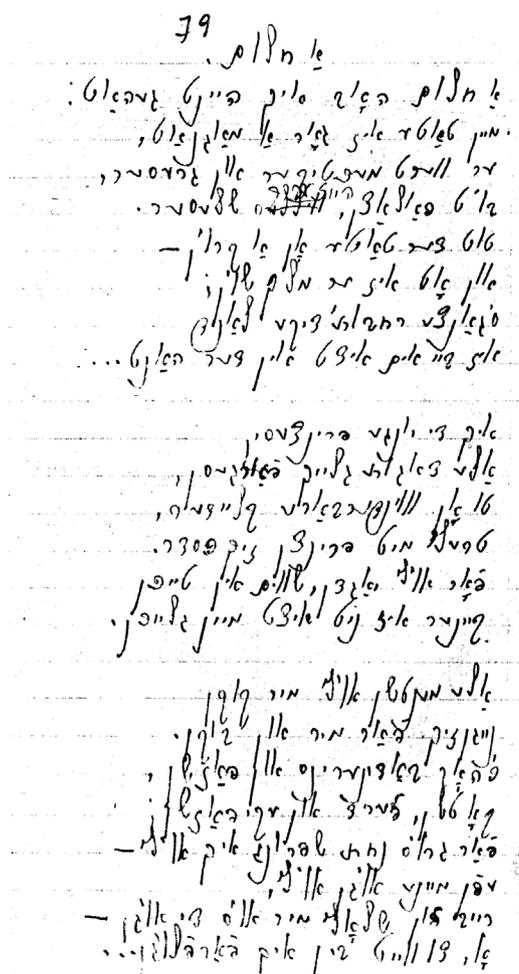
Malka nasceu em 16 de maio 1922. Era uma menina delicada, de grandes olhos negros e boca carnuda num rosto meigo, emoldurado por cabelos lisos também negros. Cedo aprendera a ler e escrever e trocara as brincadeiras pelos livros, qualquer pedaço de papel transformava-se em verso e rima. Seu dom manifestara-se na infância e ela dominava com perfeição o ídiche, escrevendo poemas, contos e histórias que foram publicados nos vários jornais judaicos que existiam em Chełm.



Beirish e Bluma (Gros) Milchtajch, pais de Malka, ambos foram mortos no Holocausto.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Um fato especial marcou a vida da jovem, que se tornaria escritora e compositora: quando tinha apenas 8 anos de idade e cursava a escola básica, uma de poesias foi remetida pela professora a um jornal para publicação. A poesia agradou tanto à redação que acabou sendo impressa com destaque. Na semana seguinte, bateu à porta da família o redator-chefe do periódico, trazendo nas mãos um buquê, que queria conhecer a moça que escrevera o poema. Os pais o fizeram entrar e, para seu espanto, em vez de uma mulher madura, mostraram-lhe a menina de 8 anos que brincava na sala!

David Lorber Rolnik, que também morava na cidade, gostava muito do que Malka escrevia para os jornais e, assim como o redator-chefe, encantava-se com o que lia e mais entusiasmado ficou ao conhecê-la, quando começou a frequentar o grupo judaico *Hashomer Adati*. Ambos se tornaram grandes amigos e tinham muitas afinidades. Eram, no entanto, muito jovens para um compromisso mais sério.



“Chulem” (“O Sonho”), poema de Malka Lorber Rolnik – manuscrito em iídiche.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Diante da insanidade nazista

Malka tinha muitos sonhos: estudar, formar-se, tornar-se escritora e se dedicar ao violino, o qual tocava virtuosamente. O seu mundo era voltado para as artes. Mas a delicada moça precisou deixar esses sonhos e boa parte da família para trás numa fuga desesperada, para tentar salvar-se da insanidade nazista que se abateu sobre seu país e seu povo, e que se disseminou depois como uma peste por toda a Europa.^A

No início de setembro de 1939, Malka tinha 17 anos quando o futuro que tanto almejava começou a ruir e, em desespero, junto com dois irmãos, duas irmãs, uma cunhada e dois sobrinhos, assim como boa parte dos judeus poloneses, cruzou a fronteira para o lado do “Pai dos Povos” (Stalin) assim que a cidade foi bombardeada pelos nazistas. Foi para a Ucrânia, já tomada pelos russos, para uma aldeia perdida

A- A invasão da Polônia (em polaco, *Wojna obronna 1939 roku*: “Guerra defensiva de 1939”) ocorreu em 1º de setembro de 1939, empreendida pela Alemanha, uma semana após a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop. A União Soviética invadiu a região a partir de 17 de setembro, dias após a assinatura do acordo. O objetivo da invasão era repartir o território polaco, ação que culminou com a divisão e anexação da Polônia pela Alemanha e pela União Soviética, então aliadas nos termos do Tratado Germano-Soviético. Em 3 de setembro, em resposta às hostilidades, a França e Grã-Bretanha, seguindo um acordo de intervenção que haviam assinado com a Polônia no caso de invasão deste país, declararam guerra à Alemanha. Começava a Segunda Guerra Mundial. O país foi imediatamente dividido: os soviéticos ficaram com a região leste, incluindo a Bielorrússia e o oeste da Ucrânia; e aos alemães coube a parte ocidental do país, declarada parte da Grande Alemanha, nome dado à combinação de territórios anexados à Alemanha de Hitler. A região central, incluindo Varsóvia, foi declarada colônia alemã e era administrada da Cracóvia por Hans Frank, advogado membro do Partido Nazista a quem Hitler confiou boa parte da administração do território conquistado.



Malka Milchtajch (no alto), com amigos em Chełm, na Polônia, c. 1935/1936.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

em algum lugar, e, mesmo nesse local ermo, os nazistas espalharam bombas e terror.



Os irmãos de Malka (da esquerda para direita): Joseph, Mindla, Chaim e Jacob, em Chełm, na Polônia, meados da década de 1930.
Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Em 7 de outubro, retornou a Chełm na esperança de que a ocupação russa fosse mais complacente. Ficou apenas uma noite porque os soviéticos estavam se retirando e era preciso fugir novamente. A decisão deveria ser rápida. Corriam rumores de que os alemães matavam os jovens dos lugares onde ocupavam. Havia ainda o perigo da ocorrência de um *pogrom**.^A

Apesar de tudo, os pais e outros irmãos ainda eram contrários à partida, e o que acontecesse a um deles deveria acontecer aos demais. Mas os jovens estavam decididos a fugir e foram acompanhados pelo pai até a saída da cidade. Ele estava muito receoso de que não iria mais vê-los.^B

A- A ocupação nazista na Polônia abalou totalmente a vida dos judeus poloneses que, de acordo com a ideologia do Terceiro Reich, foram considerados “inferiores racialmente”, assim como os ciganos, homossexuais e deficientes físicos e mentais. Assim que tomaram a cidade de Varsóvia, os nazistas ofereceram comida à população local não judia, encorajando-a para que expusesse e delatasse judeus. Quanto mais a ocupação se consolidava, mais se consolidava o caráter genocida e antisemita do Terceiro Reich que, na Polônia, criou o maior campo de concentração, Auschwitz-Birkenau, que funcionou de abril de 1940 a janeiro de 1945 como campo de trabalho forçado e extermínio. Para os campos de extermínio de Sobibor e Majdanek foi levada a maior parte da população de Chełm. O primeiro foi aberto em 1942 e fechado um dia após a rebelião de prisioneiros judeus, que aconteceu em 14 de outubro de 1943. O segundo foi criado como campo de trabalho para poloneses e prisioneiros de guerra, e, posteriormente, transformado em centro de extermínio de judeus com utilização do gás Zyklon B, um poderoso veneno à base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio.

B- Após a invasão da Polônia pela Alemanha em 1939, mais de dois milhões de judeus poloneses foram submetidos ao controle alemão. Posteriormente, em junho de 1941, com a invasão da União Soviética, outros milhões de judeus também se tornaram vítimas do regime nazista. Os alemães desejavam controlar aquela grande população judaica, forçando-os a residir em áreas específicas de cidades e municípios chamadas pelos nazistas de “guetos” ou “bairros judeus”. Ao todo, os alemães criaram pelo menos mil guetos nos territórios ocupados. O maior deles estava em Varsóvia, a capital polonesa, e nele quase um milhão de judeus foram confinados. Em Chełm, o gueto foi estabelecido em outubro 1940, numa área confinada e de extrema pobreza, e foi liquidado em 6 e 7 de novembro de 1942, após várias ações de assassinatos e deportações para os campos de extermínio da região – Sobibor e Majdanek – realizadas pelos nazistas. Muitos judeus residentes nas áreas ocupadas pelos nazistas deixavam suas casas sem destino específico, levando apenas o que podiam carregar. Aterrorizados, fugiam sem rumo certo em busca de um local seguro, tornando-se refugiados em seu próprio país até ultrapassarem as fronteiras. Sem transportes, vagavam até mesmo a pé pelo país atrás de proteção.



Família Milchtajch (da esquerda para direita, em pé: Malka, Bela, Mindla, Joseph, Leibl, Henia e Jacob; sentados: os pais Beirish e Bluma, a nora Faiga com o filho Szymon ao colo). Chełm, Polônia, 1935/1936.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Rotas de fuga

O grupo chegou até o Rio Bug que foi atravessado de barco, às escondidas, pois, como o embarque era ilegal, deveria ser sempre realizado à noite. Além disso, foi preciso pagar uma grande quantia e ter muita paciência para esperar.

As mulheres cruzaram o rio e aguardavam na outra margem pela chegada dos homens. Demorou vários dias até que isso ocorresse. Uma noite houve um acidente: um barco virou e dois irmãos morreram afogados, e a notícia espalhou-se. Pensava-se que fossem os irmãos Milchtajch, e o desespero foi geral. No entanto, eles apareceram sãos e salvos numa certa manhã.

Aos refugiados era proibido morar nas proximidades da fronteira ucraniana. Precisavam se inscrever para viajar de trem à Rússia. Era uma viagem “voluntária”; se não partissem, estariam impedidos de viver na fronteira e seriam entregues aos alemães. Quando o trem parava, bandos de ucranianos invadiam os vagões à procura de comida, sapatos e roupas. Estavam famintos e em trapos, e Malka teve a impressão que, a qualquer momento, iriam arrancar a roupa dos passageiros. Sentiu que algo não ia bem naquela região, uma vez que eles tinham dinheiro e queriam comprar tudo.

Ao chegar ao destino, nas imediações de Moscou, foi dada a ordem à população para que não se aproximasse deles, que foram levados a um refeitório e bem tratados nos primeiros dias. Essa era a tática comunista, tratar bem os estranhos à custa do próprio povo. Do lado de fora, adultos e crianças espiavam os forasteiros pelas janelas e, logo após as refeições, tomavam de assalto o local para recolher os restos de comida dos pratos, que eram devorados rapidamente.

Durante a semana, os estrangeiros eram acordados às seis da manhã com marchas militares e canções patrióticas. Após o café, assistiam a filmes em que Stalin sempre aparecia e eram contadas maravilhas do sistema. Em todos os lugares, havia propaganda louvando o “Pai dos Povos”. Esse era o epíteto de Stalin.

A família de Malka teve sorte, foi uma das primeiras a conseguir uma moradia, apesar de numerosa. Bem, a sorte teve como grande aliada a beleza das mulheres da família. Os diretores do lugar, encantados com as belas moças, flertavam com elas e não demoraram em arrumar um local amplo que pudesse acomodar todos.

Estavam numa região de usinas de açúcar que ficava próxima a Moscou. Como era época da manutenção do maquinário, a moça e os irmãos passaram a desmontar e limpar as peças dos gigantescos equipamentos. Parafusos, chaves mecânicas, alicates e as mais diversas ferramentas passaram a fazer parte do cotidiano da delicada jovem.

A mão de obra dos judeus, dos poloneses e de outras minorias foi bastante utilizada pelos soviéticos, que retiraram seus homens das atividades operárias e agrícolas levando-os para o Exército. O comandante dos trabalhadores-refugiados não era um sujeito ruim, embora, algumas vezes, reclamasse do serviço que considerava malfeito. É que os jovens não possuíam experiência em lidar com aquelas máquinas imensas. Todavia, esforçavam-se para aprender.

Os irmãos Milchtajch destacaram-se como exemplo de bons trabalhadores: eram estrangeiros, o governo comunista tinha lhes dado uma oportunidade de vida e sustento, e, com isso, puderam sobressair. Pelo menos essa foi a visão da imprensa oficial soviética, que os entrevistou com o intuito de mostrá-los como um exemplo bem-sucedido do regime. Foram essas publicações que ajudaram na subsistência da família.

A manutenção da maquinaria estava no fim e a usina não funcionaria de imediato. E os Milchtajch foram deslocados para outra distante de onde moravam. Não havia outro jeito, pois quem não trabalhasse não comeria, e agora estavam sem as regalias dos primeiros dias. Nesse

ínterim, o frio intensificou-se e era muito mais rigoroso do que na Polônia. Os refugiados não estavam habituados ao inverno russo e não havia lenha ou carvão para aquecer, e resolveram utilizar sementes de algodão, que recolhidas do chão e misturadas à neve, não queimavam de jeito nenhum. Dentro da usina, porém, o calor era infernal. Os fornos nunca eram desligados.

No início, Malka e as irmãs separavam o açúcar manchado, produzido da beterraba. As russas que trabalhavam na usina, enciumadas das belas moças, rebelaram-se e exigiram que o trabalho das irmãs fosse mudado para um serviço mais pesado, como carregar sacos de açúcar nas costas. A partir daí, as moças subiam e desciam escadas o dia todo com os sacos nas costas, e, a cada dia, a carga aumentava, e não tinham o direito de reclamar do peso.

Ela era a mais frágil e franzina delas e, ao levar um saco, começou a chorar quando um dos diretores da usina se aproximou e lhe perguntou quem a mandara fazer aquele serviço. O homem chamou o responsável e lhe passou uma descompostura, deixando claro que não admitia jovens tão delicadas num serviço tão árduo. No mesmo dia, foi transferida para o laboratório para trabalhar como ajudante, sem precisar carregar pesos, num local onde a temperatura era bem mais agradável.

A família recebeu passaportes soviéticos. No dia seguinte, a NKVD – a polícia secreta russa – recolheu-os. Foi sorte, se ficassem com eles passariam a viver sob o jugo russo e não mais poderiam sair de lá. Logo após, foram reunidos e despachados num trem para a Sibéria. Ao chegarem, foram levados a um barracão de madeira imundo e miserável. O cômodo enorme era compartilhado com mais duas famílias, num total de 20 pessoas. As camas eram toscas e de tábuas, um fogão de tijolos e nada mais. Receberam travesseiros e lençóis, onde se escondiam insetos, que os atacavam e, para tirá-los do corpo, só mesmo esfolando a pele de tanto coçar. Não permaneceram muito tempo, e, com a chegada de novos refugiados, outra infundável viagem de trem começou mais para o interior, e foram transferidos para uma embarcação, penetrando mais ainda na taiga siberiana.

No barco havia mais de duas mil pessoas num espaço para 500, e era preciso permanecer em pé por muito tempo. Para toda essa gente, só havia um banheiro... Navegaram pelo Rio Kolyma, cujas águas rasas prenderam o navio por quase 20 dias. Foi um período de fome, sede, doenças, morte e desespero. Até que a chuva chegou e puderam seguir viagem. Finalmente, foram parar nas proximidades de Tomsk.

Quando os alemães atacaram a Rússia, os fugitivos foram obrigados a trabalhar nas florestas. Malka cortava troncos de árvores pouco espessos, retirando seus galhos e a casca, serrando-os em

pedaços e empilhando a madeira. Todos precisavam cumprir a norma. Eram 12 horas diárias em condições muito adversas, e a comida que recebiam mal dava para alimentar uma pessoa. A cada dia, ela fazia uma coisa diferente: limpava a plantação de arroz, colhia beterrabas e cenouras. Passou a colher também algodão e, como não tinha qualquer proteção, feria os braços e as pernas com as plantas e sujava de sangue sua única roupa. No entanto, era preciso cumprir a norma, caso contrário não teria quase nada para comer.

Quem pesava o algodão era um russo que se interessou por ela e sempre a deixava por último para pesar sua produção diária. Um dia, atrevido, fez-lhe uma proposta indecorosa. Se ela cedesse, teria garantida uma situação na qual não precisaria trabalhar muito... Malka, muito ofendida, reagiu esbofeteando e cuspiendo na cara do abusado. Sentira raiva, como era natural, por ele querer se aproveitar dela, principalmente, porque a norma e o pouco que recebia pelo trabalho dependiam dele. O assediador resolveu se vingar perseguindo-a e marcava sempre um peso inferior ao que ela colhia. Dessa forma, ela nunca conseguia cumprir a norma e receber a cota mínima para a alimentação.

Um dia, a moça não suportou mais e, enchendo-se de coragem, foi dar queixa ao diretor. Este percebeu a sinceridade de suas palavras e a intenção do russo, e a transferiu para um novo trabalho, no qual ensacava casulos do bicho-da-seda. Ela pensava que estava livre de seu perseguidor, e, de repente, aquele sujeito impertinente apareceu por lá. Ficou apavorada com a possibilidade de ser prejudicada novamente, mas, agora, ele não passava de um simples operário, e ela não teve mais com o que se preocupar.

Os Milchtajch ficaram no *kolkhoz*^A durante um ano e meio. E nesse tempo não viram um pedaço de pão. O produto

A- *Kolkhoz* ou colcoz (plural: *kolkhozy* ou colcozes) constituíram a base do sistema de coletivização da agricultura na antiga União Soviética implantado após a vitória da Revolução de Outubro e inscrito no código agrário de 1922. Funcionava como uma unidade de produção coletiva, um tipo de propriedade rural coletiva, típica da antiga União Soviética, no qual os camponeses (os colcozianos) formavam uma cooperativa de produção agrícola. Os meios de produção (terra, equipamento, sementes etc.) eram fornecidos pelo Estado, ao qual era destinada uma parte fixa da produção. Havia, também, fazendas de pesca. O processo de privatização das cooperativas foi iniciado em 1992, após a dissolução da União Soviética em 1991.

era considerado um luxo num país em guerra, e um pão preto grudento, isto é, meio cru, custava uma fortuna de 200 rublos. A massa do pão era crua para pesar mais. No *kolkhoz* tudo era de barro, e, durante o outono, como chovia muito, a água desmanchava as casas. O moinho também desmoronou e não havia farinha para fazer o pão, e era impossível comer o grão da cevada. Apesar das reclamações, recebiam sempre a mesma resposta: a Rússia estava em guerra e os soldados também passavam fome. Como ousavam reclamar? Passaram a ser chamados de sabotadores e preguiçosos. Quando a estação das chuvas passou, foi necessário buscar um novo trabalho, e passaram a consertar estradas, uma tarefa pesada para as mulheres, exigindo que dormissem ao relento nas noites úmidas.

Um fato alarmante aconteceu a Jacob, que foi preso acusado de vender vodca. Com muito custo, conseguiu provar que a denúncia era falsa e, prevendo futuros acontecimentos semelhantes, decidiu que era melhor ir embora. Dividiram-se em dois grupos. O primeiro partiu para Tashkent, capital do Uzbequistão, para achar uma nova casa. O segundo, composto apenas por Malka e sua irmã Mindla, permaneceu no *kolkhoz*, aguardando o retorno de Jacob.



Malka acompanhada de familiares e amigos (da esquerda para a direita, em pé: o irmão Jacob e a esposa Faiga, um casal desconhecido, Mindla, desconhecido; sentados: a irmã Bela, o irmão Leibl, casal desconhecido e Malka). Uzbequistão, durante a Segunda Guerra Mundial, s. d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Dias e dias transcorreram sem que as duas tivessem o que comer, e elas decidiram, escondidas, escavar a terra de plantações já colhidas em busca de restos de batatas; se fossem descobertas “roubando”, seriam presas. Poucas vezes conseguiram encontrar vegetais que, mesmo deteriorados ou inúteis, eram consumidos, pois eram os únicos alimentos disponíveis. Se o irmão demorasse mais um pouco para buscá-las, morreriam, na certa, de fome.

E ele voltou finalmente, e partiram todos dali.

Em Tashkent, uma manhã, Malka foi mandada à feira local vender um paletó comprado por um dos irmãos. A venda daria algum dinheiro para o sustento de todos. Era o paletó de uma farda. Naquela feira, vendia-se de tudo, num esforço de sobrevivência, exatamente como acontecia nas demais cidades. Andando com sua mercadoria no braço e oferecendo-a aos passantes, a jovem chamou a atenção e acabou sendo presa sob a alegação de que o paletó era roubado. Os amigos, assustados, foram logo avisar a família.

Ela foi levada à polícia com o paletó ainda nos braços. Nada lhe foi dito e a puseram numa cela pequena e escura, onde permaneceu detida por 24 horas, sem água nem qualquer alimento. Estava atemorizada e nervosa. Assim que soube, Jacob foi socorrer a irmã e assegurou aos policiais que ela era inocente, relatando que o paletó fora comprado de um oficial. Apesar dessa declaração, a casa dos Milchtajch foi completamente vasculhada pelos guardas, que procuraram por outras mercadorias que imaginavam roubadas. Evidentemente, nada encontraram.

A mesma feira testemunhou ainda a cena que poderia ter se transformado num *pogrom**... Um homem alto e corpulento, embora inválido, sem mais nem menos, começou a vociferar contra os judeus, agredindo-os, arrancando mercadorias de suas mãos e gritando para que fossem mortos. Criou uma grande confusão.

Jacob, destemido, resolveu enfrentar a fera humana e quase apanhou do gigante enfurecido, que brandia uma das muletas como uma espada e avançava sobre o rapaz que ousara confrontá-lo. Felizmente, Jacob conseguiu correr em direção a um riacho e rapidamente mergulhou, escapando da besta insana. Ao chegar à beira do riacho, o grandalhão passou a arremessar pedras na água, na tentativa de atingi-lo, até que a polícia chegou! A família ainda precisou permanecer na cidade por mais um ano após o término da guerra.

O retorno à Polônia

Ao retornarem à Polônia, os Milchtajch fixaram-se em Szczecin, de onde os irmãos Jacob e Leibl decidiram ir a Chełm em busca de sobreviventes da família. Ao chegarem, encontraram David Lorber Rolnik, que atuava no comitê de sobreviventes arrumando acomodações para os recém-chegados. Surpreso, o rapaz perguntou se Malka sobrevivera e

onde estava. Os irmãos convidaram-no a visitá-los e assim a reencontraria. No entanto, não acharam nenhum vestígio da família que ficara na cidade.

Após algum tempo, David, que ainda esperava que alguém da sua grande família aparecesse, tomou a decisão de rever a moça. Foi a Szczecin e buscou o comitê liderado por Jacob. Foi conduzido à Rua Panskiego nº 15, onde Malka vivia. A jovem continuava bela, e seu meigo rosto não guardava sinais das agruras pelas quais ela tinha passado na Rússia. Os dois passaram a conversar. Com a história muito parecida, e após de tantos perigos,^A resolveram começar uma nova vida e ficaram noivos.

Jacob, percebendo o rumo dos acontecimentos políticos, avaliou que era melhor sair de Szczecin e da Polônia, levando todos os seus para a Alemanha, na zona americana, antes que os russos tomassem a cidade em definitivo.

Derrotada, a Alemanha do pós-guerra foi dividida em quatro regiões distintas de autoridade: americana, inglesa, francesa e russa. Era o chamado Conselho de Controle Aliado. A capital Berlim, que ficava no setor russo, também foi subdividida em quatro zonas.

Uma nova vida no pós-guerra

Após o noivado, Malka e seus familiares partiram. Fugiram escondidos num caminhão coberto por um toldo, à noite, transpondo a fronteira. Embora insistissem, David não os acompanhou e pediu que sua amada ficasse e se casasse. Ela, dividida, optou por seguir com a família, que continuou unida mesmo após a guerra, graças aos esforços de Jacob.

A- Após o final da Segunda Guerra Mundial e o início da guerra fria, a Alemanha permaneceria dividida por 40 anos, com cada uma das partes integrando blocos econômico-ideológicos opostos. Os alemães referem-se muitas vezes a 1945 como a *Stunde Null* (a hora zero), para descrever o quase total colapso do país. Somente em 1990, com o colapso da União Soviética e o fim da guerra fria, a Alemanha foi reunificada. Na Conferência de Potsdam, a Alemanha foi dividida pelos Aliados em quatro zonas de ocupação militar: as três zonas a oeste viriam a formar a República Federal da Alemanha (conhecida como Alemanha Ocidental), enquanto a área ocupada pela União Soviética se tornaria a República Democrática da Alemanha (conhecida como Alemanha Oriental), ambas fundadas em 1949. A Alemanha Ocidental estabeleceu-se como uma democracia capitalista; e a sua contraparte oriental, como um Estado comunista sob influência da URSS.

Malka Lorber Rolnik

David ficou mais alguns meses e tomou consciência de como seria se permanecesse com os russos, pois sabia como eram e agiam, e ainda corria o risco de ser denunciado e decidiu fugir para a Alemanha, antes que fosse muito tarde. Chegou a Tempelhof, um distrito de Berlim, dentro da zona americana, o mesmo campo de refugiados em que Malka estava. O jovem integrou um grupo de polícia e logo reencontrou sua amada. Ambos já tinham assumido um compromisso, e ele mantinha-se firme na decisão de casar e criar sua própria família.

O destino deles estava traçado. A situação deles era diferente da maioria dos casais que se formaram nos acampamentos de *DPs*. Enquanto muitos dos que se casavam sequer tinham se visto antes, os dois jovens de Chelm se conheciam desde a infância. Certos do que queriam, não havia razão para esperar mais, e, além disso, o destino poderia separá-los mais uma vez. Estavam vivos, eram refugiados, sem pátria e sem lar, mas o mais importante era que se encontravam juntos e decidiram se casar.



David Lorber Rolnik e Malka Milchtajch, casamento em Berlim, no campo de refugiados Berlim-Tempelhof, em 4.12.1946.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

O casamento aconteceu no dia 4 de dezembro de 1946, no próprio campo de refugiados de Tempelhof, em Berlim, numa cerimônia simples, na presença dos familiares e de alguns conhecidos e amigos, com um pálio nupcial improvisado. Malka não tinha um vestido de noiva, que eram raros nos campos de *DPs*, e emprestou um estampado, delicado como ela, e nos cabelos negros colocou uma flor. Sua meiguice, suavidade e beleza foram ressaltadas pela modéstia da roupa, mais parecia uma adolescente do que propriamente uma noiva.



Comemoração judaica no campo de refugiados (*DP Lager*) de Berlim-Tempelhof. À esquerda, o casal Malka (sentada) e David Lorber Rolnik (em pé); o casal de primos de David, Hana e Tzvi Vikelman; Sonia e Pinchas Rolnik, tio de David. Alemanha, c. 1947.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Foi uma cerimônia de muita emoção. A partir daquele momento solene, estavam honrando todos os familiares mortos pela barbárie nazista e mostravam ao mundo que jamais se renderiam. Estavam dando sequência à vida que tentaram arrancar-lhes com uma crueldade jamais vista na história da humanidade.

David continuava a trabalhar como policial e se arranjava com seus negócios para ter algum dinheiro para comprar mais comida para a esposa, que estava grávida. Ela necessitava de uma alimentação melhor por estar ainda muito debilitada fisicamente, como consequência do que passou durante a guerra.^A

Em busca de uma nova pátria

O jovem tinha interesse em se estabelecer em Berlim, mas a esposa e a família dela não aprovaram a ideia, porque não desejavam trabalhar no país que tentou de todas as maneiras aniquilar o seu povo. Então, o casal decidiu que seria melhor viajar para os Estados Unidos, mas aconteceu a *blockade*, isto é, a União Soviética bloqueou o acesso dos Aliados aos demais setores de Berlim, com a intenção de controlar toda a cidade. O bloqueio russo durou quase um ano e marcou formalmente a divisão da cidade em Berlim Ocidental e Berlim Oriental.

As autoridades ocidentais resolveram que era hora de retirar os *DPs* de onde se encontravam e os transportaram para outros campos, todos na zona americana, distribuindo-os em diversas cidades. Malka e David foram levados para o campo de número 7 de Deggendorf, que tinha uma comunidade muito ativa, enquanto aguardavam a partida para outro país. Ficaram nesse campo até o seu fechamento, em junho de 1949, e foram para Lechfeld, ainda no aguardo dos vistos, que foram concedidos quando Malka estava grávida e não puderam viajar.

Após o nascimento do bebê, como tinham amigos na Bolívia, decidiram obter a permissão de entrada, com

A- Em 1945, houve a libertação da Polônia do terror alemão. Mas ninguém esquece que a Polônia não ficou livre nesse ano. O regime comunista instalado por Moscou apenas fez com que o terror nazista fosse substituído pelo stalinista. Quando as tropas soviéticas retomaram sua ofensiva em 17 de janeiro de 1945, elas libertaram uma Varsóvia devastada. De acordo com dados poloneses, apenas 174 mil pessoas estavam na cidade, menos de 6% da população que lá vivia antes da guerra. Desses sobreviventes aproximadamente 11.500 eram judeus. Até hoje, a ocupação da Polónia durante a Segunda Guerra Mundial é um trauma nacional, principalmente para a comunidade judaica que foi espoliada, maltratada e, em grande parte, assassinada pelos nazistas e colaboracionistas. Restaram como símbolos desse genocídio o complexo Auschwitz-Birkenau e o de Majdanek, hoje museus pedagógicos que alertam para os perigos extremos do antissemitismo.

passaportes de refugiados emitidos pela Organização das Nações Unidas. Para viajar, a burocracia era imensa, necessitando de vários vistos, inclusive para os países em trânsito ou de permanência breve. Dizia-se, na época, que existiam dois tipos de país: de onde os judeus podiam partir e aqueles onde eles não podiam entrar... E foi assim: os vistos para a Bolívia foram obtidos no consulado em Bruxelas, na Bélgica; os de trânsito pela França e de curta permanência, de apenas cinco dias, emitidos pelo consulado em Frankfurt, na própria Alemanha; e os de trânsito temporário pela Argentina foram providenciados no consulado em Paris.

Finalmente, partiram para a França de trem e embarcaram num navio rumo à Argentina e, após uma breve parada, rumo à Bolívia também de trem, onde se estabeleceram em La Paz, com a ajuda dos amigos. A adaptação foi difícil: o idioma desconhecido; a altitude e o ar rarefeito; os hábitos da população de mascar folhas de coca para não sentir os seus efeitos; até a procura de um novo trabalho para que David pudesse se manter e sustentar os seus. Mas não foram tempos tranquilos, houve novos sustos com revoluções e diversas situações. A complicada situação política, as constantes guerras civis e a ascensão ao poder do partido Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), simpatizante do nazismo durante a guerra, trouxeram sérias preocupações e fizeram com que muitos judeus decidissem ir embora.

Malka e David também repensaram a escolha feita e acharam melhor seguir outro rumo, e escolheram o Brasil, e recomeçou a ciranda do aprender uma nova língua, viver uma nova cultura, buscar morada e trabalho para suprir as necessidades; esses foram alguns dos muitos desafios que enfrentaram.

A família Lorber Rolnik no Brasil

A família Lorber Rolnik chegou ao Brasil em abril de 1953, com o mesmo passaporte para refugiados, o único documento que possuíam. Eram apátridas, embora nascidos na Polônia, para lá não poderiam retornar, em virtude dos acontecimentos. Aqui se sentiram mais seguros. Receberam auxílio da comunidade estabelecida para dar início à nova vida, pois muitos dos que desembarcaram, além de despojados de sua cidadania, vieram apenas

Criaram e educaram seus três filhos – Szyja, Blima e José – no Brasil, seguindo, com liberdade, a fé judaica. Fizeram muitos amigos. Malka trabalhava com o marido todos os dias e continuava a escrever. Começou também a compor músicas, melodias e letras em português. Adorava ler, e tudo que lhe caísse nas mãos era motivo de interesse e de leitura indispensável. E foi sozinha, tal qual ocorrera com o marido, que aprendeu a falar e escrever o português com perfeição. Qualquer pedaço de papel e lá estava ela escrevendo. A inspiração lhe vinha com facilidade e resultava em poemas, contos, letras de músicas. Escrever era a sua vida.

Discreta, redigiu seu livro de memórias em iídiche. Tentou publicá-lo no original. Entretanto, o idioma já não atraía muitos leitores, e, em razão disso, sem que a família soubesse, decidiu verter seu livro para o português. Havia, inclusive, feito um pedido à filha, sem revelar o verdadeiro motivo, de ganhar um bom dicionário da língua portuguesa, e ao outro filho que desenhasse algumas ilustrações. Para tanto, mencionou pessoas, sem citar, porém, que seriam personagens do livro, mas não chegou a publicá-lo, porque partiu na manhã de 5 de novembro de 1987.

Foi um período muito difícil para a família da qual ela era o esteio. Centenas de manuscritos foram encontrados, em pequenos e grandes pedaços de papel, cadernos e folhas avulsas. Eram poemas, letras de músicas, contos e, entre eles, seu livro de memórias, em forma de contos, em iídiche. Para surpresa, também havia muitas e muitas páginas em português que ela traduzira, em segredo, por ter se deparado com as dificuldades para a publicação no idioma original. A família, emocionada com o material encontrado, resolveu realizar o sonho da esposa e mãe, numa homenagem póstuma àquela que fora uma rainha e lhes dera tanto amor.

Pai e filhos empenharam-se na publicação e fizeram o lançamento do livro com o título de *Os abismos*, em março de 1990. A obra, cujos contos foram baseados em fatos verídicos, relata o antissemitismo de Stalin na Rússia e também os sofrimentos dos judeus no Holocausto. O livro ganhou registros na imprensa nacional e foi citado no ensaio “A escrita feminina judaica no Brasil”, de Regina Igel, publicado na revista *Noah/Noaj* em julho de 2007; e integrou a exposição (1996) e o catálogo (2007) *Brasil, Um refúgio nos trópicos – a trajetória dos refugiados do nazi-fascismo*, organizado por Maria Luiza Tucci Carneiro e

Malka Lorber Rolnik

Dieter Strauss. Em 2017, integrou a exposição *Entre mundos: a trajetória dos refugiados do nazifascismo radicados no Brasil*, com curadoria de Maria Luiza Tucci Carneiro, durante o evento Maifest/2017, no bairro do Brooklin, em S. Paulo.

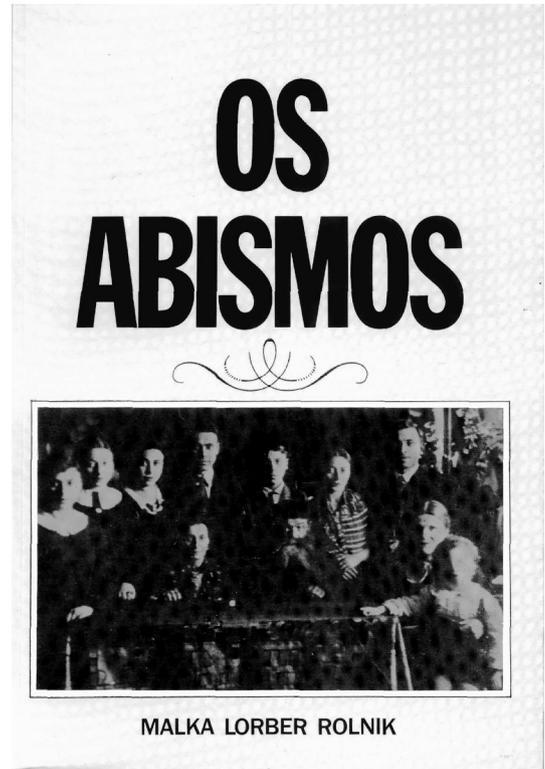
A obra de Malka Lorber Rolnik é uma mensagem de esperança por um mundo melhor, para que fatos e acontecimentos como os que ela viveu e narrou jamais voltem a se repetir.



Malka Lorber Rolnik, autora do livro *Mundo jovem*, publicado em 2002. Coletânea de poemas infantojuvenis. s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.



MALKA LORBER ROLNIK

Os abismos, de Malka Lorber Rolnik, publicado postumamente pela família em 1990. Contos baseados em fatos verídicos da Segunda Guerra Mundial.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.